

Prezad@s leitor@s

Estamos recebendo, como *professor visitante* na UFES, ao longo do mês de agosto de 2011, Luis Fernando Beneduzi, Professor Adjunto de História da América Latina Brasil junto à Università Cà Foscari di Venezia. Cidadão brasileiro e italiano, nascido no Rio Grande do Sul, Brasil, Mestre e Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com estágio doutoral na Università degli Studi di Bologna e Pós-Doutorado em História junto ao “Grupo Mujeres”, na Università degli Studi di Torino. Atualmente, Professor Colaborador também do Mestrado em Relações Internacionais da Johns Hopkins University (Campus de Bolonha) e pesquisador visitante do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

A SINAIS aproveita sua estada em terras capixabas para entrevistá-lo e conhecer um pouco mais do Convênio que as universidades, UFES e Cà Foscari de Veneza pretendem celebrar.

Boa leitura nas *águas* que aproximam o Espírito Santo e o Vêneto, o Brasil e a Itália hoje!

Adelia Miglievich

Sinais: Professor Luis Beneduzi, como sua trama de vida se entrelaça com sua escolha pela auto-realização acadêmica na Itália? Onde o senhor nasceu e quais as raízes de sua família?

L. F. B.: Devo iniciar dizendo que é muito difícil para mim falar de minhas experiências pessoais, mesmo trabalhando com a História das Sensibilidades e dos Sentimentos; muito embora eu tenha a firme convicção de que elas são importantíssimas para as escolhas profissionais de um pesquisador. Na minha opinião, quando algo nos chama a atenção, existe um *background* de vivências que nos imprimiu um olhar direcionado para aquele objeto, para aquele campo de estudos.

Eu sou natural de Porto Alegre, onde tive toda a minha formação na área de História, sendo no mestrado e no doutorado orientado por Sandra Pesavento, junto à Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Sem dúvida, muito daquilo que eu

definiria como sensibilidade no olhar – capacidade enxergar na trama da História os sentimentos que produziram ações sobre o passado e no passado – eu devo a excelente orientação e exemplo de profissionalismo de Pesavento. A sua profícua produção acadêmica, com inúmeros livros e artigos, é um celeiro para aqueles que decidem trilhar as sendas na História Cultural, buscando captar as sensibilidades dos homens que viveram em uma outra época e que “falavam uma língua diferente”. Por outro lado, o meu objeto de pesquisa praticamente nasceu comigo. Minha família, pensando em meus avós e bisavós, é natural da região do Vêneto, no norte da Itália e migraram para a região do Rio Grande do Sul conhecida como “Serra Gaúcha”, especificamente para a ex-colônia de Conde d’Eu. Minha mãe, que trabalhou na organização do biênio da imigração alemã e italiana (1974/1975), escolheu para a lembrança de meu primeiro aniversário a seguinte composição: “Sou filho de italianos, italianinho de coração, completo hoje um aninho, no ano do centenário da imigração”. Essa lembrança, somada às experiências familiares acabou se transformando em uma sentença e me encaminhando para o estudo dos movimentos migratórios, norteando efetivamente os meus interesses de pesquisa.

A vinda para a Itália foi parte dos movimentos específicos de minhas pesquisas, os quais me trouxeram por diversas vezes para a Península, produzindo idas e vindas em um período de aproximadamente sete anos. Em 1998, durante o mestrado, permaneci por três meses pesquisando junto à Universidade de Veneza, sob a orientação do prof. Giovanni Levi. Foi uma experiência que robusteceu enormemente os meus estudos e que nasceu a partir de um contato casual com um grupo de estudantes daquela Universidade, que estava organizando o encontro anual de uma Associação Europeia de Estudantes de História (ISHA). Os três meses que vivi em Veneza foram determinantes para a construção de meu objeto de pesquisa do Doutorado: nostalgia e identidade étnica.

Além dos deslocamentos de curta duração, que se seguiram a essa primeira experiência, tive a oportunidade de fruir de uma bolsa da CAPES para um doutorado sanduíche junto à Universidade de Bolonha, em 2002. Sob a orientação do prof. Roberto Vecchi, pude ver uma transformação radical nas referências teóricas que marcaram minha Tese de Doutorado. Naquele período tive um contato mais intenso com os estudos sobre a Nostalgia, aos quais fui iniciado com um livro de Antonio Prete, associando as reelaboração do indivíduo nostálgico os conceitos de ruínas e *restus*.

Acredito que essas duas vivências em território italiano, somadas a sentença materna de “italianinho de coração”, foram decisivas para as minhas escolhas profissionais, as quais acabaram me conduzindo ao voo transoceânico.

Sinais: Em sua dissertação de Mestrado, o título chama atenção – “Nem Santos nem Demônios: italianos”. A que o senhor se referia especificamente?

L. F. B.: Existia – mas ainda hoje pode ser percebido na historiografia sobre a imigração no Rio Grande do Sul – uma leitura de divinização ou demonização das experiências religiosas dos imigrantes italianos e uma univocidade na denominação “italianos”. Em minha dissertação – e mesmo em trabalhos que a ela se seguiram – busquei apresentar esse grupo étnico em sua complexidade religiosa, e cultural em geral. A rigor, o trabalho – que virou livro em 2008 “Imigração italiana e catolicismo: entrecruzando olhares, discutindo mitos” – busca apresentar esses colonos proveniente da Península Itálica, maiormente das regiões do Vêneto, da Lombardia e da Província de Trento, como um conjunto de indivíduos que não pode ser pensado apenas através da ação de controle da Igreja. Nesse sentido, embora não deixe de considerar em nenhum momento o projeto de romanização do clero brasileiro, consequência em nível internacional do Concílio Vaticano I (1869-1970), para o qual os imigrantes irão colaborar de maneira importante, tento trazer à luz as diferentes apropriações – no meio imigrante – dessas transformações implementadas pela instituição Igreja. Na mesma medida que se percebe uma forte ação de controle por parte do clero presente na região, especialmente através dos Frades Menores Capuchinhos, observa-se, também, que existiram formas diferenciadas de receber e de criar representações sobre essas determinações. O mundo da vida acaba não sendo totalmente colonizado pelas políticas da instituição e os sujeitos – diferentes por experiências e vivências – leem em maneira diferente as normas ditadas pela Igreja.

Por outro lado, a discussão já trazia o germe de uma outra questão: a complexidade cultural dos grupos étnicos, neste caso daquele identificado como italiano. Vai ser um projeto sucessivo, mas já na dissertação de mestrado, eu procurei discutir essa questão da denominação “italianos” para grupos que não apresentavam – quando de sua chegada no Rio Grande do Sul – uma consistente experiência do Estado Nacional. Eles possuíam vivências comuns que os aproximavam, mas os conflitos

províncias e locais eram muitos mais fortes que a ideia de nação. Como diz Vanni Blengino, em um artigo publicado em 2011, os italianos se construíram enquanto tal na Argentina, e com muito mais força do que na Itália do início do século XIX. No caso brasileiro podemos pensar da mesma maneira, mas sempre como uma elaboração inerente ao processo de ocupação da “nova terra”, não como um *a priori* presente nos recém-chegados.

Sinais: O que é, num mundo globalizado, a identificação étnica? Algo desejável? Algo perigoso? Ou simplesmente um dado inescapável?

L. F. B.: A identidade étnica – como todo processo de construção de noções de pertencimento – é parte da complexidade das auto-representações dos sujeitos. Pertencemos e nos percebemos como parte de diferentes agrupamentos, aquele étnico é um deles e, como diz Stuart Hall, também interfere na maneira contraditória como as pessoas agem no mundo. Ele não é por si só determinante em nossas ações e representações, mas pode ser o detonador de determinados pensamentos e atos em muitos contextos.

A questão do desejável e/ou perigoso vai estar vinculado muito de perto com o uso político que pode ser feito desse elemento de representação coletiva, mas que pode estar presente em outros componentes das identidades individuais e coletivas. Na verdade, o problema reside em um pensamento essencialista e excludente de identidade, seja ela étnica ou não, em uma ideia de um conjunto inato de elementos que são inerentes a um determinado grupo e que criam uma impossibilidade de comunicação com os grupos que o circundam. Nesse sentido, o perigo está presente não na percepção de uma positividade do grupo – que é fortemente presente nos processos de identificação – mas no preconceito para com as demais etnias em contato, o que gera barreiras e não cria pontes, cria racismo e exclusão, podendo dar vez aos conflitos étnicos e aos genocídios.

Sinais: O que é ser italiano e o que é ser descendente de imigrantes italianos no Brasil? Pergunto-lhe sobre os significados das reinvenções das tradições dos quais nos fala Hobsbawm.

L. F. B.: Essa pergunta é duplamente complexa, porque é impossível falar sobre um “ser italiano” em qualquer lugar, pensando em um sujeito centrado e porque a análise de “invenção da tradição” leva os estudiosos a um falso problema: o verdadeiro e o falso.

Eu diria que existem diferentes culturas ítalo-brasileiras hoje no Brasil, marcadas pelas realidades locais que os grupos de imigrantes encontraram e pelas especificidades culturais das zonas de proveniência desses imigrantes. Por exemplo, o espaço no qual os imigrantes irão se inserir vai ser muito importante para pensar nos tipos de interação étnica. Em um ambiente urbano, como na cidade de São Paulo ou do Rio de Janeiro, mas mesmo em Porto Alegre, os grupos étnicos terão um contato praticamente imediato com as populações locais e esse outro vai se constituir logo em ponto de referência para se pensar em uma italianidade. Diferentemente, em zonas rurais, como os espaços de ocupação de terra no sul do Brasil, os poucos contatos com populações locais, ou com outros grupos não provenientes da Península Itálica, irão produzir – em um primeiro momento – uma diferenciação provincial e/ou regional entre os imigrantes. Isso nos leva a pensar no quanto é fluido o conceito de etnicidade e como ele é construído, efetivamente, a partir de uma pluralidade de encaixes.

No caso daqueles nomeados com a alcunha de “descendentes de italianos no Brasil” temos a mesma problemática, ou impossibilidade de pensá-los como um grupo único. Diversos elementos, como o tipo de contato com a cultura ítalo-brasileira (assim como o tipo específico de códigos culturais que compõem essa cultura híbrida) farão parte da composição de coletivos diferenciados de “descendentes de italianos”. Certamente existem elementos comuns, os quais permitiram a criação dessa generalização, mas é importante lembrar sempre que essas características são permeadas e circundadas pelas especificidades das experiências do mundo vivido.

Nesse ponto vou para o terceiro ponto que você levanta, aquele da invenção da tradição, retomando duas questões que falei anteriormente: generalização e produção do falso. A rigor, para além do texto de Hobsbawm, muitos pesquisadores

pensam hoje na invenção da tradição como algo que se refere à dimensão do engodo, do falso, não às formas de representação do vivido. Nesse sentido, entendem as marcas de italianidade como uma criação absoluta dos grupos étnicos, a partir das chamadas elites étnicas, sejam elas políticas, intelectuais, econômicas... Eu percebo essa questão a partir de um outro prisma. Entendo que existe um forte processo de construção identitária, de posituação das experiências do grupo, de elaboração de espaços de italianidade e de ruínas do passado, mas que isso não é deslocado da realidade vivida, mas é uma leitura possível das vivências coletivas. Aliás, a produção desse imaginário é eficaz e move os sujeitos justamente porque tem a capacidade de fazer com que as pessoas se reconheçam nele, porque atua através de fragmentos da trajetória do grupo.

Sinais: No doutorado, o senhor obtém a chamada bolsa sanduíche na Università degli Studi di Bologna. Em que esta influencia a tese em andamento?

Como disse anteriormente, a experiência da bolsa sanduíche foi de suma importância na construção de minha pesquisa de doutorado, tanto porque pude reorganizar a minha leitura teórica, a partir do trabalho com o conceito de nostalgia, quanto porque consegui ter acesso a uma bibliografia inédita do século XIX (pensando na realidade das pesquisas desenvolvidas no Brasil), sobre o fenômeno migratório e sobre a terra de partida do grupo de imigrantes italianos que eu estudei. O contato com a obra de Antonio Prete “Nostalgia. Storia di un sentimento”, no qual o autor constrói um percurso histórico das transformações no conceito de Nostalgia, desde seu “nascimento” na esfera médica, na Universidade de Basileia, no século XVII, até a sua inserção no campo psicológico e no mundo dos sentimentos, a partir do século XIX, produziu um novo olhar com relação aos fragmentos identitários observados na zona de imigração vêneta do Rio Grande do Sul. Na arquitetura, nos cantos, nos espaços de sociabilidade, nas memórias, em tudo se podia observar marcas de uma terra de partida imaginada que permanecia na mente dos imigrantes, sem dúvida recriada, mas para eles aquela real.

A experiência na Itália permitiu um trabalho com a sociedade de partida dos imigrantes, pois, como diz Sayad, todo o imigrante é também um emigrante. Nesse sentido, reconstruir aquele mundo campesino vêneta do século XIX tornou-se elemento chave para compreender a realidade migratória dos vêneta-brasileiros. O

contato – através dos textos do século XIX – com os códigos culturais do espaço de partida dos imigrantes foi uma chave importante para poder analisar os fragmentos que ligavam o presente imigratório com o passado emigratório.

Sinais: Como o senhor vê a presença da intelectual historiadora Sandra Pesavento, falecida em 2009, na sua formação intelectual?

L. F. B.: Além das questões que já comentei, acredito que a influência da Sandra na minha trajetória está marcada especificamente pelo exemplo de intelectual e pesquisador em que ela se transformou para mim. Sempre admirei na Sandra a sua capacidade de fazer conexões, ela conseguia interagir em qualquer discussão e sempre trazia questões e questionamento interessantes. Essa grande erudição, somada a uma capacidade produtiva ímpar, foram para mim elementos forte na busca de construção do meu perfil profissional. Obviamente, não posso deixar de mencionar a excelente competência didática que ela sempre teve: a sua maneira de envolver os alunos e criar uma experiência sensível que o conteúdo que ela trazia. No campo da História Cultural, Pesavento abriu as portas para mim (e para diferentes gerações de pesquisadores) para uma leitura das sensibilidades dos homens no passado: a História das Sensibilidades foi seu grande objeto de estudo nos últimos anos de sua vida. Nesse sentido, associo a ela minhas discussões no campo da História dos Sentimentos, nas pesquisas sobre as interações entre História e Literatura, nas leituras sobre as representações coletivas. Enfim, acredito que ela foi tanto um exemplo de honestidade intelectual e de produção acadêmica quanto uma fonte teórica importante em minhas leituras sobre o passado.

Sinais: O senhor nunca se desligou de instituições de pesquisa brasileiras. O que tais elos representam para o senhor?

L. F. B.: Na Universidade de Veneza, sou professor de História e Instituições da América Latina e o Brasil é parte dessa realidade geográfica, mas também cultural, política, social e econômica, embora exista uma dificuldade histórica do país em se perceber como parte do subcontinente. Manter relações com o Brasil, nesse sentido, para além do âmbito afetivo, é manter contato com um dos meus objetos centrais de estudo e, também, com as discussões que estão acontecendo nas

ciências humanas brasileiras. Nunca me esqueço que minha formação ocorreu no Brasil e isso fez com que diversos dos meus interlocutores fosse brasileiros. Não posso deixar de mencionar, ainda, que – apesar de estar em licença – sou professor da Universidade Luterana do Brasil, no Rio Grande do Sul.

Além disso, mas vinculado às minhas tocas intelectuais, tenho vários projetos conjuntos com professores de diferentes instituições brasileiras. Essa situação qualifica e explica, em parte, a manutenção de minhas ligações com o Brasil. Alguns contatos foram criados depois de minha saída, mas muito são continuidade das trocas iniciadas quando eu ainda vivia no Brasil.

Ao mesmo tempo, esses vínculos são parte de um projeto intelectual e de um projeto de vida. Por um lado, acredito que os acadêmicos devem construir pontes – mesmo que muitas vezes observemos o contrário, a construção de barreiras – ou seja, devem promover a troca de conhecimento entre os pares, entre as instituições, entre os diferentes países. Por tanto, dentro da minha realidade, penso que posso contribuir para ampliar as trocas intelectuais entre o Brasil e a Itália, promovendo o contato entre colegas de ambos os lados do oceano, que compartilham objetos de pesquisa e/ou discussões teóricas. Por outro lado, em quanto projeto de vida, desde a minha saída do Brasil eu sempre pensei na manutenção de meu hibridismo acadêmico, combinando tempos de trabalho no Brasil e na Itália. Para tal fim, esse vínculos são fundamentais, pois permitem construir as idas e vindas que fazem parte do meu projeto pessoal/profissional.

Sinais: Mantém-se em suas pesquisas a ênfase nos fluxos migratórios e nas construções identitárias. Mais recentemente, o senhor tem trabalhado com a expressão “imigração de retorno”, contudo. Do que fala?

L. F. B.: O meu trabalho com a ideia de “imigração de retorno” vai além da tradicional dimensão física do imigrante que volta para o país de origem e está ligada aos meus estudos no âmbito do imaginário social e das representações coletivas. Quando falo no retorno dos descendentes, que fisicamente é impossível, pois – como dizia uma colega – “é a volta dos que não foram”, estou me referindo a uma dimensão subjetiva, a um país imaginado que se construiu no processo migratório. Os descendentes – e trabalhar com essa generalização é muito problemático, por isso eu gosto de relativizar meu objeto de estudo, especificando

que trabalho com aqueles indivíduos que viveram muito fortemente os códigos da chamada “cultura ítalo-brasileira” – não voltam a um país vivido por eles, mas imaginado através da memória familiar grupal. Efetivamente, o que se constrói é um “retorno às raízes”, que traz consigo um forte sentimento de continuidade familiar, considerando que volta está relacionada com a terra dos ancestrais. Aqui se vincula muito claramente a dimensão subjetiva e afetiva do pertencimento étnico: esses indivíduos se sentem historicamente parte daquele grupo. A pesquisa que estou desenvolvendo atualmente busca justamente pensar nessa questão, em que maneira aquela Itália imaginada na memória familiar se confronta com a outra, aquela vivida pelos descendentes que decidem sair do Brasil e emigrar para lá. Questiono-me, também, sobre as facilitações – se elas existem – que estes fragmentos culturais como o dialeto, a gastronomia, e outras experiências podem proporcionar ao descendente, em um processo de integração.

Sinais: Como se deu sua aproximação da UFES e quais as intenções contidas no Convênio entre a UFES e a sua Universidade em Veneza?

L. F. B.: No que se refere à primeira parte da pergunta, o histórico de meu envolvimento com a UFES, ou com os colegas da Universidade, pode ser dividido em dois momentos. No curto prazo, poderia dizer que a minha estada na UFES – neste ano de 2011 – está ligado à minha vinda, em 2010, para uma conferência sobre descendentes de italianos, provenientes do Espírito Santo, que vivem hoje na Itália. O próprio Convênio começou a ser tecido naquele momento, em uma reunião, onde participaram os quatro programas de pós-graduação que deram início ao trâmite burocrático: Programas de Pós-Graduação em Letras, Ciências Sociais, História e Linguística.

No entanto, as inter-relações que me conduziram até a UFES tiveram início em 2001, em um congresso em Moscou, no qual conheci a prof. Adelia Miglievich Ribeiro, hoje docente dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Letras da Universidade. Desde aquele encontro, e em diversas ocasiões, construímos espaços de interlocução e discussão, tanto através de simpósios temáticos e grupos de trabalho coordenados em conjunto quanto por meio de dossiês coordenados por um de nós ou pelos dois em conjunto. Por tanto, de um certo modo, esta experiência de Visiting Professor, assim como aquela com

Convênio, deve ser vista em um tempo mais longo e em mais de dez anos de trocas acadêmicas.

No meu entendimento, e aqui inicio a segunda parte da pergunta, as intenções contidas no Convênio entre a Universidade de Veneza e aquela do Espírito Santo são uma síntese, ao menos como intenção, da maneira como tenho conduzido minha vida acadêmica. Ou seja, espero que seja um modo de dar continuidade – em vários níveis – a essas trocas intelectuais iniciadas em 2001, aprofundadas nos últimos dez anos, reforçadas com minha vinda em 2010 e ampliadas com minha estada em 2011. Acredito que o convênio possa envolver outros colegas de ambas as Universidades, permitindo uma qualificação maior das pesquisas nas duas instituições e do ensino, em intercâmbios que terminem por envolver professores e estudantes.

Sinais: Na Universidade Cà Foscari de Veneza, o senhor vincula-se ao Departamento de Estudos Linguísticos e Culturais Comparados. Tal vínculo sugere seu trânsito entre diferentes disciplinas. O que é, para o senhor a inter ou transdisciplinaridade e sua força hoje?

L. F. B.: Sim, o meu Departamento – mas também os cursos de Pós-Graduação por ele oferecidos, Literaturas Europeias, Americanas e Pós-Coloniais e Relações Internacionais – representa um espaço interdisciplinar de discussão e muitos dos meus interlocutores estão vinculados ao campo da Literatura.

A minha própria prática acaba transitando por diferentes campos disciplinares, mas tendo consciência que o meu ponto de vista é aquele inerente à História. Essa especificidade não é colocada em tom de preconceito ou de defesa de campo, mas por uma questão muito prática: minha formação teórico-metodológica foi realizada completamente na História. Dessa forma, os “óculos” com os quais eu acabo lendo os objetos e as fontes são aqueles fornecidos pela discussão historiográfica. No entanto, também tenho consciência que muitos teóricos pertencem e/ou são partilhados com outras áreas de conhecimento, como a antropologia, a literatura, a sociologia ou a psicologia.

Tenho a convicção de que esse processo de “cruzar fronteiras”, que tem acontecido com força na contemporaneidade, seja muito importante e saudável para a produção do conhecimento em todas as áreas. Muito embora alguns estudiosos tenham medo

dessa desestabilização, com relação à segurança que o campo fechado do conhecimento produz, entendo que esse entrecruzamento de olhares está permitindo analisar com maior profundidade e amplitude os objetos de pesquisa. A rigor, estas múltiplas perspectivas de leitura do mundo vivido, esta interlocução entre pesquisadores de diferentes formações, esta troca conceitual entre campos que possuem dinâmicas diferenciadas de pesquisa, é um processo que se está vivendo com força nesta virada dos séculos XX e XXI e acredito que produzirá como fruto novos percursos formativos e novos perfis profissionais mais consones com as necessidades da sociedade hodierna.

Sinais: Perdoe-nos a indiscrição mas o senhor é bastante jovem, qual sua idade? Como o senhor avalia as chances de um estudante hoje, de ascendência italiana ou não, assumir parte de seus estudos no exterior, por exemplo, na Itália?

L. F. B.: Na realidade universitária brasileira contemporânea, não me acho muito jovem, nos meus 37 anos, mas naquela italiana, sem dúvida a minha idade está muito abaixo da média de meus colegas.

Independentemente do lugar para onde o estudante decidirá ir, e isso certamente vai levar em conta diversas facetas de seus interesses, penso que uma experiência no exterior é fundamental para um processo de formação intelectual, especialmente em âmbito de pós-graduação. Para além da formação acadêmica stricto sensu – curso, simpósios, encontros que podem ser frequentados na Universidade que hospeda – vejo que o crescimento acadêmico é muito aprimorado através do mergulho em uma nova cultura, no exercício e na experiência do estranhamento em uma realidade diferente daquela habitual. Estranhamento que pode ser percebido tanto no âmbito da Universidade quanto naquele do cotidiano, nas relações com os modos de perceber e agir da “terra de chegada”.

Sinais: O que o senhor ainda não estudou mas pensa em estudar em seus futuros projetos de pesquisa?

L. F. B.: Seria mais fácil, quantitativamente, falar das coisas que estudei ao invés daquelas que não estudei e, neste momento em que estou iniciando dois projetos

pesquisa, é difícil pensar em outros objetos específicos de interesse, pois aqueles que existiam já foram transformados em pesquisas, as quais estão em andamento. Poderia falar de alguns interesses mais amplos e que, em parte, estão contemplados nos dois projetos em andamento. Uma questão importante que tem norteado as minhas pesquisas mais atuais e que penso ainda em continuar analisando objetos que contemplem essa realidade, é a produção de imagens sobre o Brasil na Europa/Itália e sobre a Europa/Itália no Brasil.

Historicamente e eu tenho trabalhado isso em um trabalho individual de pesquisa, que seguem em paralelo com os projetos centrais, diferentes imagens sobre o Brasil, em momentos históricos diferenciados, tem sido produzidas sobre o Brasil. Muitas vezes, em um mesmo momento histórico, temos uma imagem plural do país sendo produzida no continente europeu e na Itália. Alguns estudos têm procurado dar conta desta questão através do estudo de viajantes europeus no Brasil, mas me parece faltar um estudo que leve em conta a polifonia, entre defensores e detratores, que se construiu sobre o país no continente europeu. Parece-me ainda, ao menos no que se relaciona às leituras sobre viajantes italianos no Brasil, que não seja feita uma análise que considere o lugar de onde o viajor fala, ou seja, quais são as suas convicções políticas, qual é a sua visão de mundo, no sentido de entender as enunciações sobre o país em um espectro mais amplo que as cruze com as concepções do narrador. Nesse sentido, gostaria de aprofundar meus estudos sobre Vittorio Buccelli, político italiano que esteve no Brasil no início do século XX e que produziu duas obras interessantes analisando algumas realidades dos estados do Rio Grande do Sul e de São Paulo, mas não deixando de tecer alguns comentários sobre a cidade do Rio de Janeiro. A fala de Buccelli acaba se inserindo em um diálogo maior, que envolve a discussão sobre os lugares de emigração (pensando no contexto italiano do século XIX), o qual coloca em confronto indivíduos favoráveis à partida para Argentina ou para o Brasil.

Um outro tema que gostaria de me dedicar no futuro, está relacionado com as diferentes imagens de Itália que foram e continuam sendo produzidas nas zonas de imigração italiana na América do Sul. Nesse caso, me interessaria encaminhar um estudo comparativo que considerasse as realidades do Brasil, do Uruguai e da Argentina, buscando compreender em que medida as experiências específicas de imigração vão produzindo leituras diferenciadas sobre a terra de partida dos próprios imigrantes e de seus descendentes. Mesmo pensando apenas no caso brasileiro,

poderíamos observar uma concepção plural de Itália e de italianidade, vinculada às condições históricas do processo de ocupação das terras, à cultura local e ao âmbito rural-urbano.

Sinais: O senhor volta a UFES em 2012?

L. F. B.: Em minha estada na UFES acabei construindo projetos comuns, como o **Núcleo Interdisciplinar em Estudos Migratórios** (NIEM-UFES), que já nasceu com uma perspectiva internacional, com colegas da América do Sul e da Europa. Demos início, também, a um projeto de pesquisa, que se vincula com aquele que já estava realizando, sobre descendentes de italianos que decidem morar na Itália, preferencialmente nas regiões de proveniência de seus antepassados. Nesse sentido, a parceria com a UFES está relacionada com a porção capixaba dos descendentes que vivem hoje na Itália.

Essas questões em andamento me fazem pensar em um possível retorno à UFES em 2012, mas ainda não tenho dados certos para poder dar uma resposta definitiva.

Aproveito para agradecer pelas perguntas estimulantes que me foram dirigidas e que me fizeram pensar mais uma vez na minha trajetória de formação e pesquisa, revisitando esses lugares e essas pessoas do passado que fizeram parte do meu percurso de formação. Reconstruindo a narrativa sobre os caminhos e descaminhos de minha vida profissional, tive a oportunidade de recriá-los, visitando mnemonicamente, mais uma vez, todos aqueles, colegas ou não, que fizeram parte desta pequena viagem intelectual vivida até o presente momento.

Somos nós quem agradecemos!

SINAIS. Revista Eletrônica de Estudos Indiciários (NEI). UFES.